



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-potencia-do-pensamento/>

Como suscitar a potência do pensamento em tempos de turbulência social e ecológica? Leituras micropolíticas entrelaçadas de “Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene”, de Donna Haraway

Ana Cláudia Holanda¹

Ana Luiza Braga²

RESUMO: O ensaio apresenta de forma introdutória conceitos relevantes à teorização e à metodologia feminista da bióloga e filósofa estadunidense Donna J. Haraway, principalmente a partir do livro *“Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene”*. Discute-se a proposição do Chthuluceno como um marcador temporal singular e em relação a conceitos como Antropoceno e Capitaloceno, e as consequências dessas categorizações do tempo para os processos de produção de subjetividades e para as práticas narrativas e historiográficas. Enquanto estes últimos sentidos parecem facilmente conduzir à negligência e ao niilismo diante da magnitude e complexidade das tensões sociais e ecológicas contemporâneas, o conceito proposto por Haraway suscita a responsabilidade implicada na convivência com outras espécies, convocando a figuração de imaginários relacionais que não reiterem extermínios e genocídios. Neste percurso, nos referimos a conceitos conectados e elaborados por autores como Hanna Arendt, Grada Kilomba e Fernanda Eugenio, aproximando o trabalho de Haraway destas análises micropolíticas sobre a renaturalização de práticas sistemáticas de violência colonial e racializante.

PALAVRAS-CHAVE: Antropoceno. Chthuluceno. Políticas de narratividade.

How can we think potently in times of social and ecological trouble?

Intertwined micropolitical readings of Donna Haraway’s *“Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene”*

ABSTRACT: The essay presents relevant concepts to American biologist and philosopher Donna J. Haraway’s feminist theorization and methodology, focusing on the book *“Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene”*. The proposition of the Chthulucene as a singular temporal marker and in relation to the concepts of Anthropocene and Capitalocene is examined, as well as the consequences of these different categorizations of time in the contemporary processes of production of subjectivity, as well as narrative and historiographic practices. While the last two concepts seem to lead to negligence and nihilism in face of the magnitude and complexity of contemporary social and ecological tensions, the concept proposed by Haraway invokes thinking with the responsibilities that coexisting among species entails and calls for the figuration of relational imaginaries that do not reiterate exterminations and genocides. Reference is made to connected concepts elaborated by authors such as Hanna Arendt, Grada Kilomba and Fernanda Eugenio, bringing Haraway’s work closer to these micropolitical analyses on the renationalization of systematic practices of colonial and racializing violence.

KEYWORDS: Anthropocene. Chthulucene. Politics of narrativity.



A pandemia global do novo coronavírus nos atravessa também em sua dimensão de fim de um mundo, como efeito brutal de estruturas ecodidas intensificadas. Em tempos de turbulência social e ecológica, é em histórias tão sérias quanto vivazes como as narradas por Donna Haraway que a nossa capacidade de responder às mutações sociais e subjetivas pode ser colocada em jogo.

Em *“Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene”*, a bióloga e filósofa estadunidense nos desafia a permanecer na constante tensão da complexa trama de “padrões enormemente injustos de alegria e dor” (HARAWAY, 2016, p. 1) que caracterizam as experiências dos seres vivos no presente. Para Haraway, o momento não é próprio para nostálgicas utopias salvacionistas nem para “passados edênicos” (2016, p. 1), mas para uma atenção continuada aos efeitos irreparáveis da ação do Homem – ocidental, colonizador e industrializado – sobre os sistemas da Terra e seus viventes. É preciso não aderir ao desespero maniqueísta, alerta Haraway, mas compreender a gravidade, a magnitude e a complexidade dos processos envolvidos, considerando suas consequências materiais e semióticas. É necessário ter cuidado para não sucumbir aos discursos derrotistas, ela aconselha, nem recorrer a metafísicas seculares ou religiosas que produzem fés intolerantes, conduzindo ao cinismo ou ao desespero. Haraway insiste na recusa a respostas transcendentais prontas para instigar outras possibilidades de pensamento com e em meio às urgências e o luto; escapando das profecias “autoindulgentes e autorrealizáveis” (2016, p. 35) e da espera eterna por algum advento arrebatador.

Banalidade da negligência

Não há lugar para o niilismo nem a apatia nesta leitura feminista de uma época batizada de Antropoceno – alcunha dos cientistas do clima Paul Crutzen e Eugene Stoermer para um período de tempo que demarca os efeitos das ações humanas nos sistemas da Terra, com mutações irrevogáveis nos ciclos que mantiveram a estabilidade climática e a produção de biodiversidade nos últimos doze mil anos. A aceleração das transformações ambientais já era sentida em 1995, quando Crutzen ganhou o prêmio Nobel por expor que a civilização moderna se tornara uma força com alcance planetário e duração geológica, impactando devastadoramente incontáveis formas e gerações de vida na Terra. Haraway, por sua vez, retoma outras leituras que situam na história recente as principais práticas tecnológicas e os modos de produção e de existência que



conduziram diretamente ao esgotamento dos processos biofísicos e à perda massiva de biodiversidade planetária, pavimentando o caminho para a “Grande Aceleração” do século XX: a empreitada colonial escravista e a subsequente expansão global dos modelos capitalistas industrial e neoliberal. Buscando aprofundar a disputa de narrativas políticas nas ciências biológicas, no entanto, a filósofa vai além, argumentando que a própria noção de Humano como espécie é um dos principais produtos e capturas destas práticas antropocêntricas de conhecimento.

Ao ecoar a antropóloga Marilyn Strathern, etnógrafa de categorias relacionais e uma de suas grandes companheiras de pensamento, Haraway recorda que os sujeitos, objetos e tipos são produtos de suas relações, e que de modo algum as precedem. Convoca as redes entre fato científico, ficção científica e fabulação especulativa, cuidadosamente entretecidas pelas forças tentaculares da aranha *Pimoa cthulu*, Haraway para contar uma “história suficientemente grande” (2016, p. 52) que dispensa a teleologia e o determinismo, descrevendo uma época para recomeços: o Chthuluceno [*Chthulucene*]. Este lugar no tempo [*timespace*] fabulado nos serve para aprender a “ficar com o problema de viver e morrer com responsabilidade em uma terra ferida” (2016, p. 2) e a cultivar habilidades de responder a urgências concretas colocadas por territórios degradados, como a necessidade de constituir refúgios para muitas pessoas e espécies em meio a processos acelerados de devastação. Isto não se daria em favor de um mundo nem de um eu ideal, ela avisa, contrariando os sempre benevolentes esforços civilizadores – mas, como na proposição cosmopolítica da também filósofa e feminista Isabelle Stengers (2018), por mundos que assumam sua franca interdependência, nos quais as decisões devem ser tomadas na presença de todas e todos que arcarão com suas consequências. Sintetizando seu pensamento comprometido com a compostagem, Haraway defende que:

O inacabado Chthuluceno deve coletar o lixo do Antropoceno e o extermínio do Capitaloceno; picotando, triturando e estratificando como um jardineiro maluco, para formar uma pilha de compostagem muito mais quente para passados, presentes e futuros ainda possíveis. (HARAWAY, 2016, p. 57, tradução livre)



A filósofa assinala que a indiferença diante dos horrores a que estão submetidos humanos e não humanos (na exploração das cadeias industriais de alimentos ou de mineração, por exemplo) nos aproxima da condição extrema e cada vez mais normalizada da “banalidade do mal”. Esta expressão, como se sabe, foi usada por Hannah Arendt em sua descrição de Otto Adolf Eichmann, um dos organizadores do genocídio do Holocausto, durante seu julgamento em Jerusalém. Haraway enxerga na atual “negligência banal” [*common thoughtlessness*] (HARAWAY, 2016, p. 36) a mesma combinação entre a capacidade destrutiva e a burocratização que permitia que Eichmann participasse da “solução final” (ARENDR, 2016, p. 109) enquanto evitava testemunhar as consequências de suas ações. Dessa forma, recusava-se a “presentificar o que está ausente” (2016, p. 36). Para a autora, a suposta superioridade do Homem em relação aos demais existentes, na medida em que a supremacia do *Antropos* reproduz seu ideário de extermínio e dominação, aproxima esta figura do polêmico conceito arendtiano.

Compostagem em companhia inesperada

Contrária à reiteração do excepcionalismo humano e do individualismo limitado – que considera “seriamente impensáveis” (2016, p. 36) nas ciências biológicas atuais – Haraway já havia trazido à cena a noção de “espécies companheiras” (HARAWAY, 2021b) para evidenciar as parcerias ontologicamente heterogêneas que se tornam mutuamente capazes de viver através de relações de associação. Este “bestiário de agências, tipos de relações e marcações de tempo [...] superam as imaginações até mesmo dos cosmologistas mais barrocos” (2021b, p. 45), pois produzem conjuntamente as condições de existência ecológica entre diferentes seres e seus habitats. As múltiplas espécies com quem nos constituímos nos devolvem uma pergunta que escancara a falácia que aparta o *Antropos* de tudo que o compõe: qual é a nossa política de constituição de mundos em comum?

Ao apontar para sentidos de parentesco distintos daqueles da reprodução sexuada e das concepções de família genealógica, biogenética ou religiosa, Haraway conecta a capacidade coletiva de responder a eventos devastadores com a tessitura de conexões inventivas e “não inocentes” entre múltiplos agentes implicados em práticas colaborativas e localizadas de



reabilitação do mundo, para recuperar parcialmente os modos de viver e morrer (HARAWAY, 2016).

Ao acompanhar as diferentes histórias de cooperação e regeneração, chama atenção a sugestiva predileção da filósofa por certos prefixos: aquelas palavras que começam com ‘re-’ parecem lhe ser mais úteis, incluindo a “ressurgência” e a resiliência’. O prefixo ‘pós-’, talvez, seria mais problemático (HARAWAY; TORRES, 2021b). Ao invés de insistir nas já caducas Humanidades (ou em correlatas vertentes pós-humanistas, igualmente teleológicas), Haraway opta por chafurdar no lodo das “humusidades” [*humusities*] (HARAWAY, 2016, 32), como nomeia o cultivo da capacidade interespecies de imaginar e performar mundos sensíveis e com sentidos para este “presente espesso” (2016, 2) de onde o passado emerge continuamente. Para reconstituir as condições para se seguir adiante conjuntamente, Haraway assinala, é preciso prestar atenção à degradação terrena e às estruturas de violência herdadas: “o humano como húmus tem potencial, se pudermos cortar e picar o humano como Homo, este projeto detumescente de um CEO autoproduzido e destruídos de planetas” (2016, 32, tradução livre).

Com Haraway, portanto, assumir as “respos-habilidades” [*response-abilities*] (2016, 32), isto é, inventar as habilidades de responder coletivamente a esta época instável que chama de Chthuluceno, tem a ver com (re)aprender a produzir mundos com diferentes espécies e suas temporalidades emaranhadas, reconhecendo as presenças e ausências, a persistência de assassinatos, os trabalhos de cuidados invisibilizados e os lutos recorrentes. A filósofa recorda a especificidade das mortes marcadas duplamente, a “dupla morte” [*double death*] (2016, 32) – tradução da antropóloga australiana Deborah Bird Rose a um conceito aborígine que descreve o assassinato da possibilidade de continuar – caso de diferentes processos de extinção em massa, guerra, genocídio, “especiescídio” [*speciesscide*] (2016, 32), extrativismo e simplificação de ecossistemas atrelados a políticas imperialistas.

Rememorando quem vive, quem morre, e de quais maneiras, Haraway procura estar atenta às práticas e narrativas sobre formas de continuidade [*ongoingness*]. Deixando de lado os reiterados “contos fálicos” [*prick tales*] (LE GUIN, 2019, 111) anteriormente diagnosticados pela escritora



Ursula K. Le Guin, Haraway encontra força em diferentes matrizes narrativas que fabulam histórias minuciosas, cheias de experimentações de práticas de cuidados coletivos e de justiça ambiental e reprodutiva. Não seria o caso, portanto, de reproduzir programas éticos preconcebidos, mas de procurar maneiras de transmitir histórias de entrelaçamentos enquanto se presta contas a quem veio antes, para assim “tornar o mundo mais cheio de práticas de justiça e cuidado para aqueles que vierem depois” (HARAWAY; TORRES, 2021a, 400).

Para não confundir Cthulu com Cthulhu

Note-se que Haraway tem o cuidado de marcar com uma letra a diferença entre os seres ctônicos que convoca em seus textos e o imaginário racista de divindades diabólicas e povos primitivos de H. P. Lovecraft. Enquanto, para o autor estadunidense, a imagem de Cthulhu emerge fetichizada como uma ameaça de vingança e caos sobre as sociedades ditas civilizadas, para Haraway, a aranha Cthulu é capaz de desfiar as estratégias narrativas totalizantes de supremacia racial que retificam a hegemonia do modo de existência ocidental.

A incidência do termo de que é necessário se afastar encontra-se no conto de ficção científica do escritor estadunidense H. P. Lovecraft (2009), "O chamado de Cthulhu". A referência a esta antiga deidade monstruosa surge quando se tem notícias de algumas tragédias ocorridas em torno da escultura de um ídolo antropeide com cabeça de polvo, cultuado por marinheiros negros em rituais sacrificiais nos bosques de Nova Orleans, e apreendida pela polícia na década de 1920. O leitor se depara com os registros em formato de diário de um pesquisador que relata suas descobertas acerca de uma série de estranhos eventos conectados à maldição de seres imemoriais, habitantes de uma antiga cidade submersa, e ritualizada por pequenos grupos racializados nos confins do mundo civilizado. Finalmente, como leitores, somos levados a deduzir que provavelmente seremos os próximos vitimados pelo contágio da leitura, que conduz ao confronto com a iminência da própria morte, a ser causada pela sublevação de algum povo oprimido pela máquina de dominação colonial.

A narrativa de Lovecraft oferece subsídio ao preconceito do pensamento que justifica a opressão racial na projeção do desejo de extermínio da diferença. Em "Memórias da Plantação", Grada



Kilomba (2019) nomeia este mecanismo como negação. Segundo a artista e psicanalista, para defender-se do mal-estar pelos atos criminosos que comete, o sujeito branco colonizador fantasia no sujeito negro seu desejo de forma invertida: "Embora a plantação e seus frutos, de fato, pertençam "moralmente" à/ao colonizada/o, o colonizador interpreta esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo" (KILOMBA, 2019, p. 34). A repressão da verdade, pensa a autora, é uma defesa do ego diante da realidade. Para Kilomba, este é um dos mecanismos centrais do racismo, utilizado para manter as posições de poder em uma estrutura de opressão que justifica atos de violência e exclusão racial:

Elas/es querem tomar o que é Nosso, por isso Elas/es têm que ser controladas/os." A informação original e elementar – "Estamos tomando o que é Delas/es" – é negada e projetada sobre a/o "Outra/o" – "elas/es estão tomando o que é Nosso" –, o sujeito negro torna-se então aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado. (KILOMBA, 2019, p. 34).

Do processo psíquico de negação quase absoluta pelo qual se constrói o racismo, a autora infere uma dinâmica na qual o sujeito negro torna-se não apenas o "Outro" mas a própria alteridade, enquanto representação mental do que o sujeito branco não quer ser: "A negritude serve de forma primária de alteridade por via da qual se constrói a branquitude. O outro torna-se "outro" graças a um processo de negação absoluta." (p.36) Trata-se da identificação do sujeito negro com o objeto mau, projeção daquilo que o sujeito branco teme admitir sobre si (p. 35), em uma dinâmica em que o opressor torna-se o oprimido.

Apesar de ser um conto bastante conhecido e celebrado no universo literário, o texto de Lovecraft parece reiterar a fantasia racista e patriarcal que projeta sobre coletividades racializadas a vocação ao extermínio e à desordem, com o objetivo de justificar a perpetuação da violência sobre esses mesmos grupos. Não por acaso, Lovecraft defendeu em vida posições racistas e antisemitas – note-se que os grupos com os quais relaciona o culto do deus tentacular de seu conto são constantemente referidos como primitivos e inferiores. Ao associar as mortes de homens brancos a aterrorizantes rituais de feitiçaria, Lovecraft reanima no imaginário de seus leitores o fantasma das opressões de que eles mesmos tentam esconder, mas inverte seu sentido, apresentando a



decisão de oprimir com uma saída lógica, inerente a uma suposta unidade superior da natureza humana.

Haraway descola a figura da aranha Chthulu e sua escrita deste tipo de narrativa para situá-la em meio a relações fabuladoras entre ciências e ontologias diversas, a partir de uma de escuta que se quer aprendiz da diferença, e não reitera a reatividade das operações de apagamento e assimilação. Para ela, a diferença é a principal aliada na montagem de estratégias para “pensar com” as urgências do presente. Haraway defende que é preciso cessar as aproximações a cosmologias não-ocidentais que tendem à linearidade e à superação. Para ela, a existência do pensamento colonial branco não coloca os mitos dos povos originários de territórios americanos, por exemplo, como "atrasados" ou "primitivos", mas como concomitantemente existentes em uma lógica tentacular da continuidade. Afinal, segundo ela, “as serpentes ctônicas do terrível submundo de Lovecraft eram terríveis apenas em modo patriarcal. O Chthuluceno tem outros terrores, mais perigosos e gerativos, em mundos onde este gênero não reina.” (HARAWAY, 2016, 174).

Reparação micropolítica

Na leitura de Kilomba também encontramos outras ressonâncias com as “responsabilidades” pensadas por Haraway, isto é, nossa capacidade de responder coletivamente às necessidades de recuperação parcial de comunidades e territórios devastados por empreitadas coloniais. Ao investigar o processo pelo qual a branquitude se constrói na constituição de uma alteridade negra em gestos de racismo cotidiano, Kilomba mapeia um possível percurso de conscientização coletiva que tem a ver com processos de responsabilização – em seu entendimento, a criação de novas configurações de poder e conhecimento.

Kilomba aprofunda em trabalhos artísticos os cinco mecanismos de defesa do ego que, na descrição de Paul Gilroy, o sujeito branco atravessa ao tomar consciência de si enquanto encenação do racismo: negação, culpa, vergonha, reconhecimento, reparação. Enquanto a negação é seguida de dissociação e projeção, como na narrativa Lovecraftiana, a reparação se



refere à negociação do reconhecimento, aproximando-se das histórias de recuperação parcial contadas por Haraway. Trata-se, para Kilomba, do “ato de reparar os danos causados pelo racismo mudando estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, abdicando de privilégios” (KILOMBA, 2019, p. 34).

A artista Fernanda Eugenio (2019) oferece ainda outras pistas para o que seria uma reparação micropolítica, que se modula triplamente ante a própria impossibilidade de reparação, ou o que chama do irreparável: “(re-parar), inventariar atentamente e manusear em concerto.” Visando uma prática sustentada de uma ética de reparação diante das inexoráveis operações de recolonização, assentes “numa proliferação de variadas versões de uma mesma cisão, que separa sujeitos e sujeitades”, Eugenio se detém na afinação entre esses fluxos, “num reconhecimento de que a luta pela descolonização de ser/estar preparada (e pré-parada) debaixo da pele.” A autora também convida à habitação de alianças improváveis e na potência de agregação de esforços coletivos, apostando no “grau de consistência, justeza, firmeza e franqueza com o qual se habita e se encara este vínculo entre o íntimo e político”.

Com Haraway, Kilomba, Eugenio e outras companhias de viagem, podemos afirmar que “um mundo vivível comum deve ser composto pouco a pouco, ou de modo algum” (HARAWAY, 2016, 40). O jogo está em nossas mãos para ensaiar o ‘re-’, Haraway recorda, e cabe a nós pensar e experimentar formas de agir coletivamente. Talvez, “mas só talvez”, ressalta – “e somente com intenso compromisso e trabalho colaborativo com outras entidades terrenas, o florescimento de ricos agenciamentos multiespécies que incluem pessoas será possível” (2016, 101).

Bibliografia

ARENDDT, H. **Eichmann em Jerusalém: uma reportagem sobre a banalidade do mal**. Coimbra: Tenacitas [1963], 2003.



Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021

EUGENIO, F. Quase-manifesto ante o irreparável. **Revista BUALA** , 2019. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/quase-manifesto-ante-o-irreparavel-2019>. Acesso em 2 de novembro de 2021.

HARAWAY, D, J.; TORRES, H. Ficar com o problema. In: PÉLBART, P. P.; FERNANDES, R. M. (org.). **Pandemia Crítica: inverno 2020**. São Paulo: edições SESC; n-1 edições, 2021a. p. 390-405.

HARAWAY, D, J. **O manifesto das espécies companheiras - Cachorros, pessoas e alteridades significativa**. Bazar do Tempo, 2021b.

HARAWAY, D. J. **Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE GUIN, U. K. **The carrier bag theory of fiction**. Ignota Books, 2019.

LOVECRAFT, H. P. **O chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Hedra, 2009.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, São Paulo, p. 442-464, 2018.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutoranda no mesmo programa e instituição. E-mail: anaclh@gmail.com

2 Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e bolsista do CNPq. E-mail: analuizabragam@gmail.com